

Página  
**15**

## O BALANÇO DOS GÊNIO

EVARISTO DE MORAES FILHO

tristemente de suas "escolas", das suas bizarrices, dos seus egoísmos. E custará a crer que este mundo tivesse passado por épocas em que o homem de gênio não vivesse exclusivamente para o povo. E então, nesse dia afastado do futuro, alguém perguntará com espanto: foram mesmo gênios os que nem sequer conseguiram ver os seus destinos unidos, aos de muitos outros, na mesma precariedade de vida, na mesma angústia de melhores dias, na mesma luta pela liberdade? Foram mesmo gênios os que viveram trancados em bibliotecas, em torres de marfim, em refúgios, sem se aperceberem da vida triste e necessitada, da vida dolorosa e má, que lhes rondava a porta, pedindo-lhes pão e auxílio? Foram mesmo gênios os que se venderam, os que se acovardaram, os que consentiram no mal e na tirania? Foram mesmo gênios os que não sentiram a dor do esfoameado, os que não ouviram o grito do mendigo, os que não viram a angústia e o sofrimento no rosto dos eternos moradores dos hospitais, das prisões, dos asilos? Foram mesmo gênios os que puderam dar e não deram, os que puderam socorrer e não socorreram, os que puderam consolar e não consolaram? Foram mesmo gênios os que abandonaram o moribundo, os que maltrataram a prostituta, os que fugiram do maltrapilho? Foram mesmo gênios os que não viram neste mundo inteiro uma só tragédia anônima, coletiva, humana? Foram mesmo gênios os que tiveram repugnância dos sujos, os que não choraram com os tristes, os que não sentiram fome com os pobres? Foram mesmo gênios os que não procuraram conhecer e socorrer os que vivem do lado proibido da vida, os ex-homens, os vagabundos?

Foram mesmo gênios os que preferiram usar a sua cultura e inteligência do lado dos dominantes, dos poderosos, dos exploradores, contra os seus irmãos e antigos iguais? Foram mesmo gênios os que, embora escrevendo bem, não quiseram falar a linguagem sincera e espontânea de Caliban, da rua, de toda a gente? Foram mesmo gênios os que não tiveram coragem de romper com o conforto e com a posição, sabendo que quase toda a humanidade vive ignorante e obscura, sem alegria e felicidade, unicamente suando e se arrebatando pelos senhores do mundo? Foram mesmo gênios os que leram ou escreveram livros, os que pintaram quadros, os que compuseram música, procurando meramente se divertir e sem ver nisso os caminhos para a libertação e elevação de todos os outros homens explorados?

E depois de todas essas perguntas, calmamente, sem ódio e sem amor, brotarão dos seus lábios as consoladoras palavras de Anatole France: "*Les grands écrivains n'ont pas l'âme basse. Voilà, Mr. Brown, tout leur secret.*

*Ils aiment profondément leurs semblables. Ils sont généreux. Ils élargissent leur cœur. Ils compatissent à toutes les souffrances. Ils travaillent à les apaiser. Ils ont pitié des pauvres acteurs qui jouent la tragédie comique ou la comédie tragique de la destinée.*

*La pitié, voyez-vous, Monsieur, c'est le fond même du génie".*

QUANDO, em um dia bem longínquo do futuro, se fizer o balanço geral dos gênios humanos, se descobrirá então que eles foram realmente bem poucos. Ver-se-á que muito poucos acrescentaram alguma coisa ao "sou humano, e nada do humano me é desconhecido", de Terêncio. Ver-se-á, igualmente, que só alguns conseguiram melhorar a infeliz condição humana neste planeta.

E quem for contemporâneo desse balanço dos gênios há de sentir uma profunda piedade de todos os vaidosos, de todos os narcisistas, de todos os megalomanos de suas pretensas "genialidades". Sorrirá

